

A scenic photograph of a river with a small waterfall and a church reflected in the water. The church is a small, white building with a bell tower, situated on a hillside. The water is clear, and the reflection is sharp. The waterfall is in the foreground, with white water cascading over rocks. The background shows a lush green landscape with trees and a clear sky.

Ana Cristina Carvalho
Isabel Fernandes Alves
Ana Luísa Luz
EDITORAS

*Imagens
do ambiente natural e humano
na literatura de ficção* **MINHO
DOURO
E TRÁS-OS-MONTES**

BY THE
BOOK



Ana Cristina
Carvalho



Isabel
Fernandes
Alves



Ana Luísa
Luz

AUTORAS | AUTORES

Isabel Fernandes ALVES | Ana Cristina CARVALHO | Natália
CONSTÂNCIO | Irene FIALHO | Antônio Cândido FRANCO |
Ana LAVRADOR-SILVA | Jorge Costa LOPES | Margarida LOPES-
-FERNANDES | Ana Luísa LUZ | Assunção Anes MORAIS |
Ana RIBEIRO | Lídia Machado dos SANTOS | José Manuel Teixeira
da SILVA | Elisa Gomes da TORRE | Fernanda Monteiro VICENTE

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, DE CULTURA E DE AMBIENTE E CENTROS DE INVESTIGAÇÃO

- *Universidade do Algarve*: CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação)
- *Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras*: CLP (Centro de Língua Portuguesa)
- *Universidade de Évora*: IHC (Instituto de História Contemporânea)
- *Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras*: CEAUL (Centro de Estudos Anglísticos)
- *Universidade do Minho*: CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos)
- *Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*: CICSNova (Centro Interdisciplinar de Ciências sociais) | IELT (Instituto de Estudos de Literatura e Tradição) | CRIA (Centro em Rede de investigação em Antropologia)
- *Universidade do Porto – Faculdade de Letras*: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa | Instituto de Filosofia
- *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*: CEL (Centro de Estudos em Letras)
- *Instituto Politécnico de Bragança – Escola Superior de Educação*
- *Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas*
- *Academia de Letras de Trás-os-Montes*
- *Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto*
- *Centro de Estudos Ferreira de Castro*
- *Agrupamento de Escolas de Vila Pouca de Aguiar*

Literatura & Ambiente

Direção: Ana Cristina Carvalho

1. *Alentejo(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Albertina Raposo

2. *Beira(s). Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho e Cristina Costa Vieira

3. *Minho, Douro e Trás-os-Montes. Imagens do ambiente natural e humano na literatura de ficção*

Editoras: Ana Cristina Carvalho, Isabel Fernandes Alves e Ana Luísa Luz

AGRADECIMENTOS 11

EPÍGRAFES 13

TRECHOS ILUSTRATIVOS 15

José António de Sá, Camilo Castelo Branco,
Raul Brandão, Domingos Monteiro

INTRODUÇÃO 27

Introduction

ANA CRISTINA CARVALHO

ISABEL FERNANDES ALVES

ANA LUÍSA LUZ

CAPÍTULO 1 43

Para além da vinha: as árvores na ficção
de João de Araújo Correia

Beyond the vineyard: the trees in João
de Araújo Correia's fiction

ANA RIBEIRO

CAPÍTULO 2 61

A paisagem rural:
relações e formas afetivas
em *Crónica da Casa Ardida*

The rural landscape: relations and affective
forms in *Crónica da Casa Ardida*

ISABEL FERNANDES ALVES

CAPÍTULO 3 77

Os mistérios do Porto e o romance

A Muralha de Agustina Bessa-Luís

The mysteries of Porto and the novel

A Muralha by Agustina Bessa-Luís

JORGE COSTA LOPES

CAPÍTULO 4 93

Recortes do ambiente físico e humano
na ficção dinisiana: *Serões da Província*
e *A Morgadinha dos Canaviais*

Fragments of the physical and human
environment in the fiction of Júlio Dinis: *Serões*
da Província and *A Morgadinha dos Canaviais*

FERNANDA MONTEIRO VICENTE



CAPÍTULO 5 111

Os Simples de Guerra Junqueiro.

Trás-os-Montes: a alma do povo

Os Simples by Guerra Junqueiro.

Trás-os-Montes: the soul of the people

LÍDIA MACHADO DOS SANTOS

CAPÍTULO 6 127

Viagem ao Douro pela pena
de notáveis escritores e poetas

Journey to Douro by the pen of notable writers
and poets

ANA LAVRADOR-SILVA

CAPÍTULO 7 149

Paisagem, natureza e criaturas:

uma região pela escrita de Bento da Cruz

Landscape, nature and creatures: a region

as perceived by Bento da Cruz's writing

MARGARIDA LOPES-FERNANDES

CAPÍTULO 8 171

A Paixão do Conde de Fróis, de Mário

de Carvalho: contar a paisagem e o território
a partir da (in)existência de um mapa

A Paixão do Conde de Fróis by Mário de Carvalho:
telling the landscape and the territory from a
(non-)existing map

NATÁLIA CONSTÂNCIO



CAPÍTULO 9191

A paisagem transmontana e os valores da terra em *Novos Contos da Montanha*, de Miguel Torga

The Trás-os-Montes landscape and land folk values in *Novos Contos da Montanha*, by Miguel Torga

MARIA DA ASSUNÇÃO ANES MORAIS

CAPÍTULO 10209

«Que ao simples mirto nada acrescentes»: uma leitura de *Os Meus Amores* de Trindade Coelho

«Add nothing to the simple myrtle»: a reading of *Os Meus Amores* by Trindade Coelho

ELISA GOMES DA TORRE

CAPÍTULO 11223

Planaltos do frio e do silêncio: clima e paisagem das Terras Frias transmontanas em romances de Ferreira de Castro e Rebordão Navarro

Uplands of chill and silence: Climate and landscape of the "Cold Lands" of Trás-os-Montes in novels by Ferreira de Castro and Rebordão Navarro

ANA CRISTINA CARVALHO

CAPÍTULO 12243

Jacinto, na Cidade e nas Serras de Eça de Queiroz

Jacinto, at Eça de Queiroz's City and Mountains

IRENE FIALHO

CAPÍTULO 13259

O Minho, a cidade de Braga e a construção do «eu» mítico de Luiz Pacheco (alguns elementos biobibliográficos)

Minho, the city of Braga and the construction of the mythical "self" of Luiz Pacheco (some biobibliographic elements)

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

CAPÍTULO 14273

Vulnerabilidade e resistência nos ecossistemas de montanha em contos de Miguel Torga

Vulnerability and resistance of mountain ecosystems in Miguel Torga's short stories

ANA LUÍSA LUZ

CAPÍTULO 15289

Furtar livros nos armazéns do silêncio – o Porto em *A Cidade das Livrarias Mortas*, de Francisco Duarte Mangas

Stealing books in the warehouses of silence – Porto in *The City of Dead Bookshops*, by Francisco Duarte Mangas

JOSÉ MANUEL TEIXEIRA DA SILVA

AUTORAS E AUTORES313

Paisagem, natureza e criaturas: uma região pela escrita de Bento da Cruz

MARGARIDA LOPES-FERNANDES

margaridalopesfernandes@fcsh.unl.pt

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) – Fac. Ciências Sociais
e Humanas, Univ. Nova de Lisboa (Nova FCSH)¹ |

In2past – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação
em Património, Artes, Sustentabilidade e Território |
Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

1. INTRODUÇÃO

Usando como fontes documental e etnográfica a obra literária e testemunhos de Bento da Cruz, pretende-se fazer, neste capítulo, uma caracterização das paisagens e principais eventos socioambientais da região do Barroso, Trás-os-Montes.

Bento da Cruz, nascido a 22 de fevereiro de 1925 em Peireses, aldeia do concelho de Montalegre, era médico e publicou textos literários entre 1959 e o início do século XXI. A sua personalidade, interesses e vivências permitiram um conhecimento e reflexão aprofundados da sua região natal. O seu posicionamento ético, fundamentalmente humanista, ficou expresso em palestras, comentários, entrevistas, obras de ficção, estas fundamentalmente de carácter realista, e em muitos textos que escreveu para o jornal barrosão *Correio do Planalto*.

O autor/escritor constitui, numa abordagem antropológica, um interlocutor e observador privilegiado, alguém com uma ligação particular ao território e que dá a conhecer, as características dos barrosões, das paisagens e dos elementos naturais do Barroso numa larga escala temporal, através de um olhar que pretendeu captar a vida, as gentes e a luta de sempre, pela sobrevivência.

A literatura como abordagem ao território, a um tema, tem sido uma metodologia recorrentemente usada pela Antropologia. Não só as obras literárias abrangem muitas vezes perspetivas *émicas* e de pormenor em várias

áreas geográficas e diferentes contextos sociais, aos quais muitos autores têm um acesso privilegiado, como também permitem aceder a eventos, memórias e vivências do passado quando os testemunhos na primeira pessoa deixam de estar disponíveis (Des Chene, 1997). A literatura enquanto forma de expressar conhecimento e experiências (Fernandes, 2004) tem também o poder de retratar a natureza, as relações humanas com a vida selvagem, modos de vida e, ainda, de documentar transformações e mudanças na paisagem.

Bento da Cruz foi, desde sempre, uma voz crítica das decisões estatais sobre o território, sobre o poder local em conluio com o Estado Novo, sobre as imposições a um povo essencialmente camponês e pobre. Os seus textos encerram preocupações sociais e retratam dinâmicas complexas, em particular entre 1926 e 1974, período em que existiram resistências locais, figuras destemidas e lutas contra o poder, assim como adaptações a novas paisagens e eventos globais. Bento da Cruz elege falar da sua aldeia e memórias, mas retrata todo o Barroso, como fica claro numa das suas entrevistas, de 2012, quando se refere à aldeia-cenário do seu romance de 1982 *Planalto de Gostofrio*: «Gostofrio é um paradigma das aldeias do Barroso».

Escolhe a região portuguesa do Barroso como cenário geográfico, mas pretende falar da condição humana na sua essência rural e do percurso de pessoas, valores e paisagens ao longo do século XX. Temas universais como a posse das terras, a emigração, a cooperação nas aldeias, a influência da conjuntura política, das repercussões dos mercados globais na procura local de produtos, em particular com a Segunda Guerra Mundial, e que trouxeram surpreendentes mudanças na vida barrosã, são abordados nas suas obras sob uma aparência de temática regionalista. De facto, e tal como Gonçalves (2009) expõe, a obra de Bento da Cruz escolhe fronteiras geográficas bem delimitadas o que se poderia resumir a uma escrita regionalista, mas a contribuição das suas obras vai mais além, penetrando «em profundidade no interior da condição humana, revelando os seus fundamentos essenciais», características de universalismo, segundo a autora citada.

Para esta exposição foi usado material recolhido da leitura integral de seis obras do autor e parcial de outras três: *Planalto em Chamas* (1963), *Planalto de Gostofrio* (1982), *O Lobo Guerrilheiro* (1991), *Prolegómenos: Crónicas de Barroso* (2007), *A Fárria* (2009), *O Boi do Povo e Outros Textos* (2009); e *Contos de Gostofrio* (1973), *Filhas de Loth* (1993), *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes* (2003). Realizaram-se também duas entrevistas ao autor em 2012 e traçou-se um percurso conjunto na aldeia de Peirezes, sua terra natal. Outros testemunhos recolhidos pela autora diretamente na região e conhecimento pessoal do Barroso contribuíram para este artigo.

2. O PARAÍSO PERDIDO: A PAISAGEM AFETIVA

Avistava-se dali Barroso inteiro, o planalto de vales despidos e montanhas escalvadas, a terra mais abandonada de Portugal, onde o homem trava uma luta inglória e degradante com a fome e os elementos. [...]

Naquele dia de sol, algumas nuvens dispersas no céu azul manchavam de sombra o flanco das montanhas. Dos vales cavados em redor do Crasto subiam o tilintar de guizos, falas de pastores, balidos de cordeiros, o buzinar de carros na estrada. Nas quebradas deflagravam tiros e via-se o caçador parado, o céu a correr e os gaios a gritar ao cheiro da pólvora e a esvoaçar na copa dos carvalhos.

As aldeias, cosidas a outeiros pardacentos, mostravam um ar abandonado e triste de agregados primitivos - apenas um ténue rolo de fumo a desmentir o abandono. Eu sabia o nome de todos aqueles povos, desde a silhueta elegante do Larouco até à linha ondulante da Serra das Alturas do Barroso e ao recorte azulado da Cabreira e do Gerês. (Bento da Cruz, 1963: 28)

Assim descreve Bento da Cruz a paisagem barrosã, no romance *Planalto em Chamas*. O Barroso é classicamente retratado pelo escritor como uma região de beleza ímpar, bucólica, em que uma certa harmonia entre humanos e natureza permaneceu através dos tempos. A paisagem, montanhosa e agreste, é apresentada como um prolongamento do sentir dos seus habitantes, que com ela estabelecem uma relação íntima e de projeção afetiva. O autor associa o interior da 'alma barrosã' ao seu entorno, numa marcante ligação de dependência, que era também a de subsistência, sempre a partir da terra, de permeabilidade entre o interior e o exterior, tornando-se, a paisagem, uma projeção das angústias e alegrias das gentes e destacando-se o sentimento de isolamento, abandono, necessidade de libertação das populações: «Gostofrio tem um anel de montanhas à volta. Nos dias de sol, as montanhas afastam-se e o mundo é grande. Nos de vento e chuva, as montanhas apertam o cerco, o mundo é pequeno e as pessoas sentem um constrangimento de angústia no coração.» (*Planalto de Gostofrio*, 1982: 14)

A própria delimitação do Barroso, enquanto região distinta, tem tido os seus limites e contornos definidos por perceções locais, processos identitários, experiências de pertença e que foram mudando ao longo do tempo. A expressão «Terras do Barroso» remonta a tempos medievais, centrada na vila de Montalegre, tendo sido reconhecidas as suas fronteiras por um representante da coroa em 1538 (Borrallheiro, 2005). Desta forma, cingiu-se primeiramente ao concelho de Montalegre e só mais tarde também ao de Boticas. Bento da Cruz descreve o Barroso como um planalto circundado pelas serras do Gerês,

do Larouco, das Alturas, a poente, e pela serra do Barroso. E dá-nos nota da contínua construção de uma identidade territorial, reconfigurada nas relações rotineiras entre os locais. Em entrevista (2012), afirma ele, a propósito de o terem apelidado de barrosão numa sua deslocação ao concelho de Boticas: «[o Barroso] antes terminava na serra do Pindo [...] Não sei se os de Boticas serão barrosões [...] Vós quereis ser barrosões, mas por um tipo de Peireses ir para Ardãos, começam a chamar-lhe barrosão!»

Quando, em entrevista, se pediu ao escritor para eleger alguns locais especiais do Barroso, a principal referência é à sua aldeia natal, cenário e inspiração de várias das suas obras. Assim, o que transmite advém de uma vivência na primeira pessoa, sobretudo da sua infância e juventude na aldeia de Peireses, mas também de Montalegre, de Pisões, da Borralha e de muitas aldeias visitadas no Barroso, já enquanto adulto e médico.

O Barroso é frequentemente apresentado pelo escritor como paisagem campestre idílica, um paraíso perdido, repleto de beleza natural, animais selvagens e domésticos, mais povoado de pessoas do que nos dias de hoje. A simbólica Serra do Gerês, neste âmbito, tem um lugar de destaque e é evocada como um imponente elemento da paisagem: «Como que por milagre, todas as cordilheiras a poente ajoelharam, enquanto de encontro ao firmamento se eleva, esfíngica e tutelar, a silhueta do Gerês.» (*Filhas de Loth*, 1993: 6). À construção do imaginário sobre o Gerês não será alheia a classificação do Parque Nacional da Peneda-Gerês em 1971, reduto de espécies de fauna e flora raras e ameaçadas, que acabou por ser incorporada no discurso regional, valorizando o património natural e ecológico.

Tal como Milton (2002) refere, a experiência pessoal da natureza e uma infância rural podem ser elementos fundamentais para a construção de uma determinada ética ambiental e conservacionista que Bento da Cruz, com muita ternura, assume. E as emoções, memórias, a presença de determinadas pessoas e a qualidade estética do entorno relacionam-se com o conhecimento adquirido e posicionamentos face à natureza: «Atei as mãos à cabeça. Eu não sou de modo algum contra as pedreiras. [...] mas acho que a pedra deve ser explorada no subsolo, em zonas bem delimitadas, sem grandes estragos ambientais. Os penedos como as árvores fazem parte integrante da paisagem. [...] os penedos destruídos uma vez, nunca mais voltam.» (*Prolegómenos*, 2007: 38)

Outra característica da vida rural passada no Barroso, evocada com nostalgia, é o comunitarismo, de certa forma modelador da paisagem. Bento da Cruz descreve a organização dos trabalhos rurais e a interajuda entre lavradores em várias passagens e alude a alguns elementos típicos da aldeia, por exemplo, o uso de um forno de pão comunitário, local de convívio, de calor e de como albergava famílias nómadas e mendigos, a quem se dava esmola e

se pagava o funeral se necessário fosse. O comunitarismo em Trás-os-Montes foi estudado (Dias, 1953, 1981) e terá praticamente desaparecido pelas décadas de 1970-80, sendo que as transformações anteriores, seguidamente referidas, tinham já afetado o sistema agropastoril. Ainda que a igualdade nestes sistemas sociais transmontanos não fosse exatamente uma realidade (O'Neill, 1984), Bento da Cruz evoca esta organização como harmoniosa e uma forma de poder local do povo. Nos seus escritos, a par com sentimentos de deslumbramento, apreciação e total relação com a paisagem natural (algo semelhante ao que Buck, 2015, aprofunda), podem também identificar-se sentimentos de perda, desolação, uma certa impotência face a algumas transformações antropogénicas irreversíveis – um conceito interpretado por Albrecht *et al.* (2007) como «solastalgia». Este fenómeno, de sofrimento psicológico, implica-se com o sentido de pertença e constitui-se como uma perda do seu lugar, mais do que apenas uma nostalgia pelo tempo passado, mas também de não poder ter influência ou impacto sobre decisões e mudanças drásticas da paisagem. Esta quebra na relação dos habitantes com o seu entorno, o desaparecimento de elementos que tornaram a sua vida rural única e valiosa, pode intuir-se em diversos momentos de mudança ambiental no Barroso. O conceito de solastalgia desenvolveu-se recentemente, a partir da ideia de stress dos ecossistemas, dos quais os humanos podem considerar-se parte integrante, mas sofre a influência de pioneiros da noção de terra sã, como Aldo Leopold, precursor de uma ética ambiental.

3. PAISAGEM AGRÍCOLA E PASTORAL

O elemento humano da paisagem domina a obra de Bento da Cruz. Num conjunto de excertos selecionados para o Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental,² contabilizaram-se cerca de sessenta referências às atividades agrícolas. Vários excertos descrevem detalhes de um dia-a-dia de trabalho e a relação estreita com a terra, com o «monte» (*Prolegómenos*, 2007: 110): «[...] Em Outubro, depois da sementeira do centeio, e em Maio, depois da plantação da batata, em que se varriam as cortes e era necessário estrumá-las de novo, todas as manhãs desciam dos montes dezenas de carros de mato. E era um regalo ver quem maior carrada fazia, qual o carro que mais cantava.»

A lavoura foi parte integrante da vida barrosã, antes com recurso aos animais domésticos, instrumentos manuais de lavoura, de pau, muitos homens e mulheres em trabalho braçal e em conjunto. É nesta temática que se

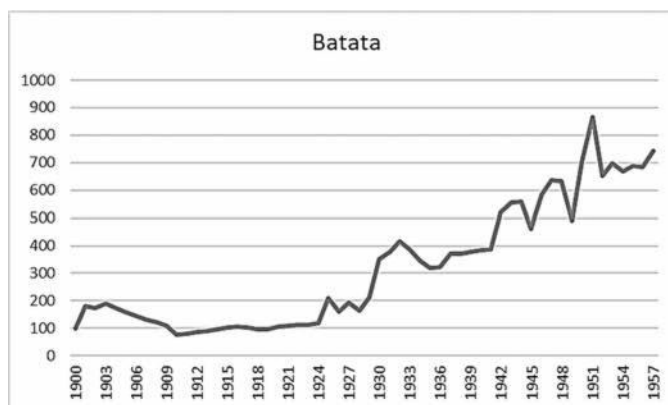


Figura 2. Evolução do índice de produção agrícola relativo à batata em Portugal entre 1900 e 1957. (Ano 1900 = 100)

Elaborado pela autora a partir de dados consultados em Lains (2004).

Apesar da intervenção do Estado e da fixação do preço de venda na década de 1940, o cultivo da batata foi importante para a economia local e, mais tarde, um dos principais objetivos da Junta de Colonização Interna. Esta última instalou no Barroso cinquenta e sete colonos, segundo Bento da Cruz, em terrenos baldios favoráveis para semear batata, «usurpados»³ às populações. Até hoje, em Montalegre, a batata permaneceu e tornou-se um produto certificado.

Marcante também é a relação próxima com os animais. As próprias casas barrosãs, tradicionalmente, estavam organizadas em sobrados por cima das «cortes», onde viviam porcos, vacas, ovelhas ou cabras. Praticamente todos os jovens das famílias eram pastores e estabeleciam, desde cedo, uma relação próxima com os animais, que iam além das suas funções de trabalho e de servirem estes para a alimentação das famílias. Bento da Cruz descreve afeto e emoção numa dessas vivências entre pessoas e vacas barrosãs: «Quando ouvi o Pai e o Tio Luís a combinarem amansar a bezerra na manhã seguinte, o meu primeiro impulso foi desaparecer de casa para não assistir à pega, que eu adivinhava de grande violência e sofrimento para a iniciada...» (*Planalto de Gostofrio*, 1982: 85). Esta relação com o gado doméstico, utilitária, produtiva, muito próxima e complexa, torna-se de difícil categorização e pode remeter-nos para os termos contemporâneos «Companheiro» e «Espécie companheira» de Donna Haraway (2003), atribuído a espécies numa relação com os humanos, histórica, constitutiva, obrigatória, em constante mudança e que fazem a vida para os humanos o que ela é e vice-versa. Esta designação, distinta de 'animais de companhia', implica, segundo a autora, uma dependência nos dois sentidos, isto é, uma relação co-constitutiva em que nem humanos, nem animais

não-humanos seriam o que são hoje sem a respetiva espécie companheira – um exemplo de coevolução. De facto, a relação com os bovinos de raça barrosã foi a força de trabalho e rendimento na lavoura, modelou o dia-a-dia de lavradores e crianças, a economia rural da região e até os momentos sociais mais importantes no Barroso. Um dos elementos construtores da identidade dos barrosões tem sido a forma como este património local é referido e celebrado. Reconhecido pela sua rusticidade e *carácter dócil e manso*, raça de engorda e trabalho, pela sua qualidade da carne, o gado barrosão já era exportado no século XIX para Inglaterra (Lima, 1859). Estudos morfométricos atestam que os animais modernos desta raça são mais robustos, revelando uma seleção pela carne e força (Davis & Sendim, 2020).

Os bois do povo, machos reprodutores pertença de cada aldeia, eram elemento central de rivalidades entre povoações e da organização de chegadas de bois, eventos festivos e memoráveis: «[...] quando os velhos de Peireses querem localizar um facto no passado, dizem: «foi no ano em que o Farrusco pôde com o boi de Ardãos (...)» (*Planalto em Chamas*, 1963: 156). E pode-se ler em *O Boi do Povo* (2009: 7):

Cada aldeia usufrui, em propriedade comum, a lama, a cavada e a corte do boi. A lama fornece o pasto e o feno; a cavada as batatas e o centeio; a corte a cama do touro. [...] a notícia da chega voa de boca em boca até aos ouvidos mais escusos ou surdos. E, no dia, todos os caminhos e todos os meios de transporte de Barroso convergem para o local. [...] Povinho de toda a espécie e variedade de rosto e véstia. Aos milhares e todos eufóricos.

Também as feiras, onde se vendia gado, eram momentos em que muitos «forasteiros» circulavam no Barroso, desconstruindo a ideia de uma sociedade totalmente isolada e homogénea. Era nesses momentos que ocorriam, até à proibição formal, típicas brigas de pau, rixas e rivalidades entre grupos, de justiça feita por pistolo «debaixo dos aventais», de forma por vezes brutal: «Porque no Barroso ser mais forte é ofender. [...] Caía ali gente que nunca mais acabava. Vendedores ambulantes, chatins, bufarinheiros, vigaristas, ciganos, prostitutas, sécias e peraltas, fidalgos e labrotes, grandes e pequenos.» (*A Fárria*, 2009: 29)

4. PAISAGEM DE RAIA E DE RESISTÊNCIA

As relações com a Galiza e a influência da Guerra Civil Espanhola, do contrabando e proteções clandestinas dos antifranquistas nas aldeias do Barroso estão presentes em obras como *O Lobo Guerrilheiro* (1991) e *Guerrilheiros Anti-franquistas em Trás-os-Montes* (2003). Nesta última, escreve Bento da Cruz: «Quando aparecia a GNR ou a PVDE os pastores gritavam ao lobo e os espanhóis fugiam para os montes.» (2003, p. 9). Todo um ambiente de resistência aos poderes ditatoriais em Portugal e em Espanha é retratado, permitindo-nos conhecer os antigos Coutos Mistos, povoações na raia que se mantiveram independentes e constituem uma marca do espírito da região: «Havia uma república. Havia três aldeias, era Miaus, Santiago e Rubiás. E eram independentes, de maneira que nem obedeciam à Espanha nem a Portugal», diz Bento da Cruz em entrevista de 2012.

De entre os movimentos de resistência às forças policiais de Franco e Salazar, destaca-se o cerco e mortes na povoação de Cambedo da Raia em 1946, que Bento da Cruz descreve em detalhe, incluindo o ponto de vista dos residentes, distinto das autoridades, publicado em *Guerrilheiros Anti-franquistas em Trás-os-Montes*, em 2003. Estas questões foram, entretanto, estudadas e analisadas em profundidade por historiadores e antropólogos (e.g., Godinho, 2004 e Godinho *et al.*, 2021).

Bento da Cruz alude igualmente ao longo domínio, por uma só família, do poder político sediado em Montalegre – «Os Camelos» – construindo uma crítica humanista ao sistema opressivo e de hegemonia num contexto de grande desigualdade. As obras são uma boa fonte etnográfica para entender, também aqui, a resistência dos camponeses em diversas formas e pequenos gestos (Scott, 1985).

5. PAISAGEM SELVAGEM

«Estava uma tarde muito sere45na, muito perfumada. No silêncio dos campos, aves, grilos, rãs e demais seres viventes cantoavam em coro Loas ao Criador dos bichos e das rosas. Mesmo por cima da minha cabeça, na cerejeira em flor, canários e pintassilgos desfaziam as frágeis gargantas em maviosas chácaras.», descreve o escritor em *Planalto do Gostofrio* (1982: 332). O elevado número de espécies selvagens referido nas obras do autor revela a biodiversidade da região e também um conhecimento ecológico local baseado na experiência continuada da natureza, «nos montes». Este conhecimento era transmitido pelos mais velhos, que caçavam, montavam armadilhas, furtivamente, com o fito da alimentação ou, naquele tempo, da venda de peles para a Galiza.

[...] à boquinha da noite, furtivamente, como quem vai tornar a água, sachos às costas e ferro debaixo da capa, fomos armá-lo num carreirinho, passagem entre a bouça e o lameiro. De noite não preguei olho, e, ao luzir a frincha da porta, corri ao local. A ratoeira tinha pêlos entre os dentes e sangue no prato, mas o coelho desaparecera... (*Planalto de Gostofrio*, 1982: 249)

As aves são um dos grupos faunísticos mais bem representado e originalmente tratado nas várias obras de Bento da Cruz, revelando um profundo conhecimento, construído pela experiência e saberes locais (e.g., *Planalto de Gostofrio*, 1982:145 e *Boi do Povo*, 2009: 24; ver também Queiroz & Soares, 2016). Mas também outras espécies da fauna selvagem local se destacam em número de referências nos textos, como o lobo, espécie icónica (Lopes-Fernandes, 2022) ou a raposa (Figura 3).

Ao mencionar o declínio das espécies selvagens, Bento da Cruz posiciona-se como conservacionista e, de forma idealista, respeitador da existência de todas as espécies: «Quero falar da bicharada dos montes. No meu tempo aqueles montes estavam cheios de coelhos, lebres, raposas, texugos, javalis; hoje desapareceu tudo, a gente agora chega lá e é uma tristeza, já nem pássaros há!», declarou Bento da Cruz numa palestra dada na Biblioteca da Amadora, em 2012. Muitos anos depois de ter aprendido a ser caçador furtivo, o escritor salva uma raposa de ser morta e embalsamada, imbuído de amor pela vida e movido por uma ética moral para com todos os seres (*Prolegómenos: Crónicas de Barroso*, 2007).

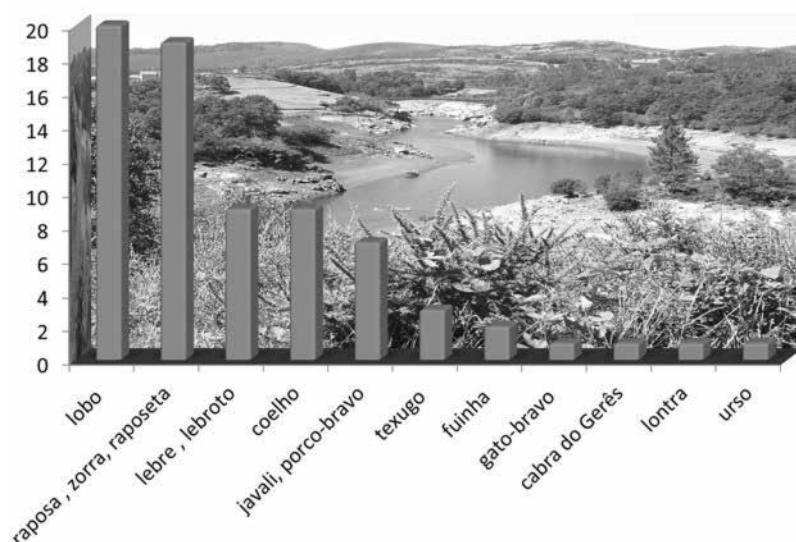


Figura 3. Número de excertos com referências a mamíferos nas obras de Bento da Cruz estudadas.

Elaboração da autora a partir de dados do *Atlas das Paisagens Literárias*.

6. PAISAGEM FLORESTAL

Começavam, por essa altura, a florestar compulsivamente as serras de Barroso. Levas de homens por aquelas encostas de enxada em punho a abrir covas e a plantar pinheiros. (*A Fárria*, 2009: 41)

O processo de florestação, decidido para grande parte do centro e norte do país pelo Estado Novo, foi concretizado no Barroso, sobretudo a partir da década de 1930. As resinosas vieram substituir matos comunais. Tal conferiu à paisagem uma mudança drástica e espoletou alterações sociais. Bento da Cruz critica o processo imposto de apropriação dos baldios, considera-o uma viragem importante para o fim do comunitarismo. «A Floresta foi imposta pelo Salazar, aí pelos anos 30-40.» (Bento da Cruz, em entrevista de 2012).

A plantação de pinheiros empregou primeiramente mão-de-obra local, mas representou uma significativa contração dos rendimentos das famílias sem acesso aos pastos para ovelhas e cabras, fonte de adubo, lenhas, acabando por ser mais um fator a empurrar a população local para a emigração (Chaves, 2016). «Andei primeiro na floresta, a botá-la, tínhamos um saco às

costas e tínhamos que fazer uma cova e colocar aqueles todos (sementes) num dia», recorda, numa conversa com a autora, uma mulher do Barroso, de 80 anos, sobre a florestação, na altura da sua juventude.

As inúmeras descrições de paisagem do Barroso onde abundam grandes carvalhos, lameiros e matagais, contrastam com estas novas monoculturas de pinheiros, nem sempre adaptados à região, mais suscetíveis a incêndios, como os que mais tarde viriam a ocorrer. Este contraste aplica-se também a outras grandes transformações que atingiram a região e a seguir se mencionam:

[...] um grande e profundo vale com um rio a saltitar de cachoeira em cachoeira entre margens abruptas e algo assimétricas. A da direita, mais árida e empinada, com pequenas manchas de pinheiros raquíticos pelos altos. A da esquerda, um tudo nada mais suave, com grandes manchas de carvalhos, lameiros e terras de cultivo pelas encostas. Ao longe, esbatida de encontro à mancha azul e cinza do Gerês, a aldeia de Linharelhos. Mais perto, a meia encosta, Caniço e, em baixo, junto do rio, algumas casas, serras de areia e um estradão balizado por árvores ao longo da margem esquerda, o qual, visto assim do alto, simulava um carreiro de formigas. (*A Fárria*, 2009: 28)

7. PAISAGEM MINEIRA

As minas da Borralha, em atividade durante quase todo o século XX, abrangeram uma área específica no Barroso e trouxeram profundas e alargadas repercussões sociais. Além dos inúmeros trabalhadores contratados existiam técnicos, jovens e mulheres, na extração e comércio clandestino do minério. A paisagem do volfrâmio foi, durante certo período, um cenário ímpar na região, de circulação de dinheiro, gentes, escórias, explosões, vagonetes, maquinaria, em torno do rio Borralha, e depois também de doença, morte, abandono. Na sua entrevista em 2012, Bento da Cruz descreve que «antes da Guerra a Borralha era a maior mina de Portugal» e, em *A Fárria* (2009), dá todos os detalhes de como funcionava, de como se aglomeravam pessoas, de como muito dinheiro foi parar às mãos de camponeses analfabetos.

A primeira surpresa foi a abundância de pegadas humanas. Não havia carqueja, tojo ou queirogo que não tivesse vestígios de lhe terem passado uns tamanhos por cima. A segunda, o aspecto desolador da paisagem. Aquilo era de uma

aridez de meter medo. Escarpas talhadas quase a pique, rochas sobre rochas, feias, cor de xisto a fugir para ferrugem. [...] Por aqueles outeiros e quebradas, um mar de gente de ambos os sexos e todas as idades, que eu, de longe, como estivéssemos em Maio e as cortes varridas, supus de enxada na mão a cortar e recolher mato, e, de mais perto, identifiquei como sendo pesquisadores de minério. Devem ser os tais apanhistas, disse de mim para comigo, enquanto os saudava com o habitual «Deus-los ajude» e eles me respondiam «Venha com Ele.» Por entre eles fui descendo até à margem direita do rio, no leito do qual, uma chusma de mulheres, de pés na água, remexiam areia em tabuleiros de pau. Surpreso com tudo isto, passei à margem esquerda por uma ponte de madeira, fui engolido pela multidão e compreendi que tinha entrado num mundo diferente do meu. Seriam sete e meia da manhã, já ia o dia alto, e das aldeias circunvizinhas, Paio Afonso, Codessoso, Venda Nova, Sanguinhedo, Padrões, Armar, Pereira, Pomar da Rainha, Salto, Corva, Bagulhão, Revoreda, Póvoa, Lodeiro D'Arque, Busteliberne, Caniçó, Linharelhos, Campos, Ruivães, Zebral e outras de perto e de longe, convergiam ranchos de raparigas a cantar. Parecia uma festa. Eu nunca tinha visto tanto povo junto. (*A Fárria*, 2009: 28)

«Houve uma época em que toda a gente estava metida no minério...» (refere Bento da Cruz, em entrevista realizada em 2012). Enquanto os homens desciam às profundezas das minas, expondo-se aos pós letais (tufo) causadores de silicose, muitas mulheres e jovens ficavam na apanha. «O tufo é que vinha porque na altura era o revólver, fazia muito mal aquilo [...]» (comentava em conversa com a autora uma mulher do Barroso, de 83 anos, pronunciando-se sobre o trabalho no minério no tempo da sua juventude). Escreve Bento da Cruz em *A Fárria* (2009: 115): «Chamavam tufo aos gases provenientes das pegas de fogo. Por isso é que, antes da instalação de ventiladores, já na década de cinquenta, depois de uma pega, só se voltava à mina passadas seis horas.» e «Chamavam potreia às escórias da lavaria que as raparigas pequenas, principalmente as de Campos e de Linharelhos, se entretinham a apanhar e vender por dez réis de mel coado» (p. 179).

Outra mulher barrosã que trabalhou no minério quando jovem recorda: «Depois fui para o minério, andávamos com sacas de 40 quilos às costas, mulheres e homens. Daquela areia toda tirávamos uma malguinha só, chamávamos-lhe o sangue da galinha (volfrâmio)». Todos tentavam sonegar algum minério, que contrabandeavam, vendiam clandestinamente e por isso a vigilância da empresa exploradora era repressiva. E diz outra barrosã, de 83 anos, sobre o mesmo trabalho no minério na sua juventude: «Nós não íamos roubar esse minério (na mina), era no rio, o que eles botavam (deitavam) fora, os

restos que iam pelo rio abaixo. Quem não tivesse licença era preso; nós fomos cinco vezes. Vinham para aqui os franceses tomar conta de tudo e os pobres daqui não podiam trabalhar.»

Durante a Segunda Guerra Mundial, a procura do volfrâmio para o armamento fez disparar os preços.⁴ Camponeses e «farristas» ganharam repentinamente muito dinheiro, contando-se que havia quem «fumasse notas» e outros que faziam aquisições despropositadas e jogavam no casino:

Indivíduos que, pela sua ingenuidade, bacoquice e mau gosto, definiram um tipo e marcaram uma época. Imagine, se é capaz. Um analfabeto com várias canetas de tinta permanente marca Parker, cápsulas e aparos de oiro, a espreitarem dos bolsos do casaco. Indivíduos que nunca tinham limpo a carapinha de piolhos e de lêndeas, irem a Braga fazer a permanente; nunca terem avezado um anel de «plaqué» e encherem os dedos de cachuchos, a gravata de alfinetes de pérola, os pulsos de relógios de oiro e pulseiras de diamantes; nunca terem comido outra coisa que não fosse um caldo de couves sem adubo miguado com broa milha e acompanharem agora as refeições a pão-de-ló e vinho do Porto; nunca terem vestido ou calçado outra coisa que não fosse estopa, burel e tamancos e andarem agora de camisas de seda, fatos Príncipe de Gales e flor na lapela, sapatos «chevrolet», tudo do mais caro que houvesse no mercado. (A Fárria, 2009: 127)

Um cenário de extravagância e desagregação social, bem descrito por Bento da Cruz, com fontes próximas sobre personagens reais e uma época que acabou por não deixar riqueza aos locais (de Araújo, 2012), mas causou muitas mortes e uma prolongada poluição por metais pesados e águas residuais ácidas (Ribeiro, 2010).



Figura 4. Ruínas da antiga aldeia da Venda Nova, submersa pela albufeira em 1951, primeira das barragens construídas no sistema hidroelétrico do Cávado. (Fotografia da autora)

8. NOVA PAISAGEM HIDRÁULICA— BARRAGENS

A terceira das grandes transformações socioambientais do Barroso foi a construção das barragens do sistema hidroelétrico do Cávado, resultado de um plano do Estado Novo de 1933. As barragens e a eletrificação nacional eram parte da estratégia e dos esforços do regime fascista para gerir a natureza em benefício do Estado (Saraiva, 2016). Assim, a partir dos anos 1950, de forma a cumprir um ambicioso plano governamental e sem prévia consulta local das populações, aldeias e terras férteis foram alagadas, rios tumultuosos de montanha e águas correntes desapareceram, moinhos e pontes antigas foram submersos, famílias translocadas, cortados e alterados caminhos e ligações entre terras (Figura 4). A voz crítica de Bento da Cruz sobre o processo dá-nos nota das injustiças cometidas e de esquemas locais para tentar levar a melhor aos avaliadores de terras que circulavam para atribuir valores de expropriações. «Depois vieram as albufeiras... e o Estado voltou a expropriar aquilo... Foi outra roubalheira... expropriavam um campo por menos do que ele dava em batata...» (Bento da Cruz, em entrevista dada em 2012).

A construção de seis barragens na bacia Rabagão/Cávado recorreu a mão-de-obra local, sobretudo para tarefas de base e com algum risco, mas as povoações e os campos «apertados contra os montes» (Chaves, 2016) contribuíram para uma nova vaga de emigração que se acentuou na década de 1960. É também em *A Fárria* (2009:232) que encontramos o testemunho literário disso:

Quando as minas fecharam pela segunda vez, aí por 1958, o engenheiro [...] foi trabalhar para a MAGOP, uma sociedade de empreiteiros que estava a construir a barragem dos Pisões ou Alto-Rabagão. Levou-me com ele. [...] Tinha de ir à barragem, a qualquer hora do dia ou da noite, conforme os turnos. No Verão ainda vá que não vá. Mas no Inverno, com a chuva, a neve, o gelo, a subir e a descer escadas de bombeiro, as mãos encajatas, não lhe digo nada. Vi muitas vezes a morte à frente dos olhos.

À nova paisagem de albufeiras, despovoada, resta, após os anos 1970, a promessa turística e, no futuro, como Bento da Cruz anteviu, em 2012, talvez um cenário de: «[...] matagal, como quando os romanos cá chegaram... as ordenhas vão desaparecer... morrem os que foram criados na lavoura e os outros já se não interessam».

9. EPÍLOGO

A literatura de Bento da Cruz abre-nos portas para o Barroso, um território transmontano singular, de coexistência e proximidade com o mundo natural, mas também de mudanças profundas numa paisagem com múltiplas dimensões e histórias de poder e resistência. Funcionando como fonte documental e etnográfica, a literatura e os testemunhos do escritor revelam também uma imagem idílica de natureza numa relação afetiva e sensorial com o território. A ideia de uma região completamente isolada é desconstruída, ficando exposta toda a influência do contexto global e político mundial. Revisitam-se memórias e costumes relatados do ponto de vista étnico, sempre atendendo às vozes locais, e valoriza-se um património imaterial, nomeadamente um léxico e uma linguagem oral próprios.

Apesar de se debruçar principalmente sobre a história das gentes no século XX e as transformações das paisagens no passado, conceitos contemporâneos como «solastalgia» e «espécie companheira» parecem aplicar-se às relações com a natureza e de humano/não-humano retratadas pela literatura de Bento da Cruz.

Esta análise enfatiza a importância de a Antropologia, e em particular a antropologia Ambiental, dialogar com a literatura, podendo ser uma primeira abordagem a estudos etnográficos, providenciando informação de base sobre uma região, sobre estratégias de sobrevivência e resistência num difícil contexto histórico político. Poderá ser também informação complementar a uma recolha direta aos atuais habitantes da região cujas vivências são distintas, mas construídas sobre uma memória e um legado identitários do passado.

Constituiu também uma oportunidade, para a autora do capítulo enquanto antropóloga, de reflexão e revisitação de um terreno que lhe é familiar por razões biográficas, agora interpretado através do olhar de várias disciplinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Obras de Bento da Cruz
 (1963). *Planalto em Chamas*. Vila Real: Arcádia.
 (1973). *Contos de Gostofrio*. Lisboa: Âncora Editora.
 (1982). *Planalto de Gostofrio*. Lisboa: Círculo de Leitores.
 (1991). *O Lobo Guerrilheiro*. Lisboa: Editorial Notícias.
 (1993). *Filhas de Loth*. Lisboa: Círculo de Leitores
 (2003). *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes*. Lisboa: Âncora Editora
 (2007). *Prolegómenos: Crónicas de Barroso*. Lisboa: Âncora Editora.
 (2009A). *A Fárria*. Lisboa: Âncora Editora.
 (2009B). *O Boi do Povo e Outros Textos*. Porto: Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto
- ALBRECHT, G., SARTORE, G. M., CONNOR, L., HIGGINBOTHAM, N., FREEMAN, S., KELLY, B., STAIN, H., TONNA, A. & POLLARD, G. (2007). «Solastalgia: the distress caused by environmental change». *Australasian Psychiatry*, 15(1_suppl), S95-S98.
- BORRALHEIRO, R. (2005). *Montalegre: memórias e história*. Montalegre: Barrosana, E.M.
- BUCK, H. J. (2015). «On the possibilities of a charming Anthropocene». *Annals of the Association of American Geographers*, 105(2), 369-377.
- CHAVES, A. (2016). *Barroso: resgate da memória na obra de Bento da Cruz*. Guimarães: Editora Cidade Berço.
- DAVIS, S. J. & SENDIM, A. (2020). «Measurements of bones of seven female Barrosãs and one male barrosão (Boy Taurus L. 1758): a baseline for zooarchaeologists with notes on the evolution of Portuguese aurochsen and cattle». *SACVNTVM Extra*, 21, 61-86.
- DE ARAÚJO, P. M. G. (2012). *Vozes que Falam: Caminhos do PCI na Comunidade das Minas da Borralha*. (Diss. Mestrado em Museologia). Porto: Fac. de Letras da Universidade do Porto.
- DES CHENE, M. (1997). Locating the past. In A. Gupta & J. Ferguson (ed.), *Anthropological Locations, Boundaries and Grounds of a Field Science* (66-85). London: University of California Press.
- DIAS, J. (1953). *Rio de Onor, Comunitarismo Agro-Pastoril*. Porto: Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.
- DIAS, J. (1981 [1948]). *Vilarinho da Furna: Uma Aldeia Comunitária*. Maia: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- FERNANDES, M. (2004). *Hora di Bai: Os Cabo-verdianos e a Morte. Uma abordagem antropológica através da literatura de ficção*. Lisboa: Vega.

- GODINHO, P. (2004). «"Maquisards" ou "atracadores"? A propósito das revisões da História no caso de Cambedo da Raia». AAVV. *Cambedo da Raia: Solidariedade Galego-Portuguesa Silenciada* (pp. 157-227). Ourense: Asociación Amigos da República Silenciada.
- GODINHO, P., PEREIRA, J. A., RODRIGUES, A. L., NEVES, A. L., CORTÓN, D., Dionísio Pereira González, D. P., da Costa Gomes, D., BAPTISTA, J. D., DAVIÑA, L. M., COELHO, R. G., CANEIRO, C., FERRIN, X. L. M. & VILA, X. A. (2021). *Cambedo da Raia. Solidariedade Galego-Portuguesa Silenciada*. Lisboa: Tigre de Papel.
- GONÇALVES, B. P. (2009). *Regionalismo/universalismo em Bento da Cruz* (Tese de Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes). Porto: Faculdade de Letras da Univ. do Porto.
- HARAWAY, D. J. (2003). *The Companion Species Manifesto: Dogs, people, and significant otherness*, Vol. 1 (pp. 3-17). Chicago: Prickly Paradigm Press.
- LAINS, P. (2004). «Vinho novo em garrafas velhas: crescimento agrário em Portugal, 1850-1950». *Análise Social* 39 (170): 63-93.
- LIMA, S. B. (1859). «Estudos pecuarios sobre a provincia de Traz-os-Montes: raca barrosan, O archivo rural». *Jornal de Agricultura Artes e Sciencias Correlativas*, 621-628.
- LOPES-FERNANDES, Margarida (2022). «Gentes e lobos: histórias e vivências do Barroso e de outros lugares». In C. SIMÕES & A. P. GUIMARÃES (Eds.). *Bichos Vividos* (pp. 161-190). Imprensa da Universidade de Coimbra / Coimbra University Press.
- MATEUS, A., LOPES, C., MARTINS, L. & GONÇALVES, M. A. (2021). «Current and Foreseen Tungsten Production in Portugal, and the Need of Safeguarding the Access to Relevant Known Resources». *Resources*, 10(6), 64 (pp. 1-26).
- MILTON, K. (2002). *Loving Nature: Towards an ecology of emotion*. London: Routledge.
- O'NEILL, B. J. (1984). *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras: desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978*. Porto: Edições Afrontamento.
- QUEIROZ, A. I. & SOARES, F. (2016). «Birds in Portuguese literature». *Environment and History*, 22(2), 228-254.
- RIBEIRO, M. (1997). *Estratégias de Reprodução Socioeconómica das Unidades Familiares Camponesas. Regiões de Montanha (Barroso, 1940-1990)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- RIBEIRO, J. I. V. (2010). *Levantamento do Estado de Contaminação de Solos e Águas Superficiais da Antiga Mina da Borralha* (Diss. de Mestrado em Engenharia de Minas e Geo-Ambiente). Porto: Universidade do Porto.
- SARAIVA, T. (2016). «Fascist modernist landscapes: Wheat, dams, forests, and the making of the Portuguese New State». *Environmental History*, 21(1), 54-75.
- SCOTT, J. C. (1985). *Weapons of the Weak: Everyday forms of Peasant Resistance*. New Haven e London: Yale University Press.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi primeiramente apoiado pelo IELT, projeto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, e apresentado em 2012 no evento Vozes Transmontanas na FCSH, em colaboração com os Memoria Media. Agradece-se a todos os envolvidos na recolha de informação em 2012, em particular ao Dr. Bento da Cruz e família, que abriram generosamente as portas de sua casa. Uma nota de gratidão ainda para as Profs. Ana Isabel Queiroz e Amélia Frazão-Moreira, por todo o ânimo e orientação científica, e à minha família e conterrâneos barrosões, por todo o apoio, inspiração, testemunhos e ensinamentos sobre o Barroso. Marta Pinho de Almeida tem sido um apoio basilar nos meus trabalhos de antropologia. Ernesto Martínez fez comentários muito úteis para melhorar o capítulo, bem como a editora Ana Cristina Carvalho e as revisoras do texto.

A opinião e perspetiva da autora não refletem a posição das instituições a que está filiada.

NOTAS

¹ Apoio financeiro UIDB-P/04038/2020

² Projeto LITESCape: <https://ielt.fcsh.unl.pt/paisagensliterarias/>

³ Após a usurpação dos baldios pelos Serviços Florestais e pela Junta de Colonização Interna, os de Peirese, por falta de lenha, substituíram o forno público por fornos particulares (*O Boi do Povo*: 32)

⁴ «Portugal has had a significant participation in the global primary production of tungsten mineral concentrates, being one of the most relevant players in Europe for more than a century. tungsten productions above 3 kt/year from 1941 to 1943, peaking at 3.42 kt in 1942. However, these were very particular years when the war effort in Europe (1939-1945) encouraged production growths at any cost, using all the possible means» (Mateus *et al.*, 2021).